



AS CONTINGÊNCIAS DO NOME DO PAI: HOMEM, MULHER E ANGÚSTIA CONTIGENCIES OF THE NAME OF THE FATHER: MEN, WOMEN AND ANGUISH

Margarida Elia ASSAD¹

RESUMO:

Esse artigo parte da posição teórica de Jacques Lacan a respeito da causa do desejo para o sujeito. Orientando-se pela tríade proposta por Lacan sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário como instâncias formadoras do aparelho psíquico, procura-se localizar aí o lugar da angústia. A hipótese com que se trabalha é que é nesse lugar, o da angústia diante da impossibilidade de se nomear a causa para o desejo, que cada sexo terá que se posicionar frente ao seu desejo, assumindo assim, cada um, uma posição de gozo particular. Nesse sentido temos como consequência que a posição sexual nos 'falantes' resulta de uma contingência frente ao lugar da inexistência de um único nome do pai, lugar ocupado também pela angústia, como nos demonstra Lacan em seu Seminário X.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito falante; pai, causa e nomeação; posições sexuadas; angústia e versões do gozo

ABSTRACT:

This text discusses Lacan's theory about the causes a subject finds out for desire. Based on the triad proposed by Lacan about the Real, the Symbolic and the Imaginary as forming instances of the psychic system, we try to locate the place of Anguish. The hypothesis we present is that exactly in this place of anguish, an anguish constructed as a result of the impossibility of naming a cause for desire, each sex will have to position himself or herself in terms of desire, occupying a personal position for pleasure. In this sense, as a consequence the sexual position of the speaking subjects results of the contingencies of the inexistence of a single father, place occupied by Anguish, as Lacan demonstrates in his 10th Seminar.

KEY WORDS: Speaking subject; father, cause and naming; Sexuated positions; anguish and pleasure.

INTRODUÇÃO

Foi com estes os três conceitos: O Simbólico, O Imaginário e o Real, que Lacan iniciou seu ensino em 1953, afirmando que são estes os registros essenciais da realidade humana. Lacan se refere a esta conferência como um prefácio ao que ele dirá mais tarde em Roma no texto conhecido por *Função e Campo da palavra e da linguagem em Psicanálise*.

Esse ano de 53 é marcado por Lacan como um retorno a Freud, e ele o retoma com esse instrumental teórico: RSI, a tríade lacaniana. O contexto desta conferência é o desvio que Lacan apontava na experiência analítica realizada pelos neo-freudianos. Nesse sentido ele priorizou o simbólico, e, busca nos textos freudianos, A Interpretação dos Sonhos, Psicopatologia da Vida Cotidiana, Chistes etc o que havia de mais fecundo e mais articulado ao simbólico: O inconsciente como linguagem.

¹Psicóloga, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB. margaridaassad@jpa.neoline.com.br

No ano de 74, ou seja, 20 anos depois, Lacan retoma esses registros, mas dando a sua tríade novas versões. Em primeiro lugar Lacan apresenta essa tríade sem a prevalência do simbólico, esses registros mantêm agora, uma correspondência, são equivalentes, como ele diz, homogêneos.

Essa equivalência tem como consequência a atribuição de uma consistência a cada registro destes, diz Lacan:

“Mas, por homogeneizá-los que dou a eles essa consistência, e, homogeneizá-los, é trazê-los de volta ao valor que comumente é considerado o mais baixo, é dar a eles uma consistência, para dizer tudo, imaginária.”

Para que sejam homogêneos precisam ter uma mesma consistência, o que percebe Lacan exige uma nova envergadura para a interpretação analítica, já que com a equivalência dos registros ela não terá mais a marca do simbólico.

Essa virada teórica traz elementos novos para a experiência analítica: a idéia das *ex-sistências* aos registros, a *atopia* do sujeito, o lugar para o corpo, entre outros. Mas, gostaria de destacar como orientação para esse trabalho, que a homogeneização destes três registros, trouxe como implicação lógica, a necessidade de uma função suplementar, uma nova volta, com o caráter de um outro laço, capaz de fazer nó entre esses registros.

Aqui é preciso lembrar que essa articulação de Lacan em torno de uma função suplementar será nomeada por ele da função do Nome do Pai. Função que se estabelece aí, mas não sem controvérsia. Sabemos o contexto em que Lacan terá que operar em seu ensino essa torção, para que seja dado um passo importante em direção a essa função suplementar.

Para caminharmos pelo terreno do Nome do Pai como lugar de função suplementar, é necessário seguir a passagem que Lacan vai estabelecer neste momento entre a angústia e nome do pai. O seminário da Angústia precede exatamente aquele que seria sobre Os nomes do Pai, mas que Lacan não proferiu mais do que uma aula, sendo retomado em 64 com o título “Os Quatro Conceitos Fundamentais em Psicanálise”.

Fazendo um retorno ao ano de 62, ano do seminário da Angústia, vemos que Lacan introduz o tema da angústia fazendo uma equivalência entre angústia e fantasma. Mas avança, trazendo sobre o fantasma a idéia de que ele também tem uma equivalência com o eu, o que podemos ver em seu grafo do desejo. Essa equivalência entre angústia, fantasma e eu demonstra que no eu há lugar para um vazio recoberto pela angústia e pelo fantasma. Desta forma podemos entender a idéia de Lacan de que o eu é uma armadilha para o gozo.

O PAI EM FREUD

Se, para Freud era o pai aquele responsável pela articulação do desejo à lei: um pai causa de desejo; para Lacan, essa função de ordenação para o desejo fica a cargo de uma operação lógica agenciada pela angústia diante do buraco de um gozo sem pai, ou sem nome, se preferirmos.

Podemos então retornar à tríade lacaniana. Qual a função dessa operação suplementar? Quais as implicações, para a clínica lacaniana, resultantes dessa forma de conceber estes registros?

Vemos que com a topologia Lacan questiona firmemente o lugar da causa, da origem para a estrutura.

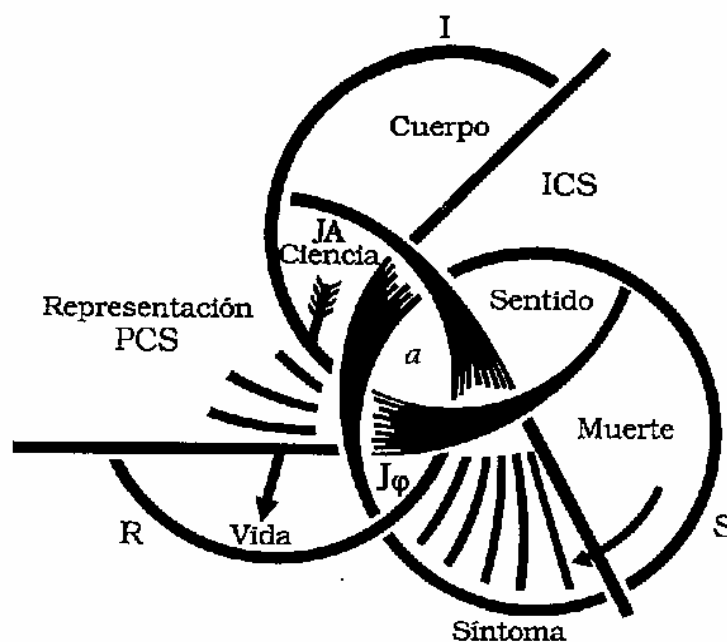
Há uma reversão fundamental para a psicanálise com o seminário da Angústia, no que diz respeito ao lugar da causa. Há aqui, penso eu, o fundamento epistêmico do pensamento lacaniano: o rompimento com a idéia da *causa sui*, própria ao pensamento religioso, que esteve presente também em Freud.

O que é a causa do desejo? Dirá Lacan *só há causa depois da emergência do desejo*. Então, ficamos com a questão, o que causa o desejo? Mas, essa questão não se resolve no nível de uma genealogia temporal, mas através do percurso seguido pelo afeto da angústia.

Freud com seu talento recorreu a um mito, ao do pai todo gozo, a quem os filhos deviam temor e dele, posteriormente, recebido a culpa. Com a localização circunscrita do gozo ao pai morto, Freud propiciou um efeito clínico fabuloso que foi o de isolar o gozo, uma vez que teremos de um lado o pai do gozo e de outro, o pai desejanste, legado do seu assassinato. Essa separação é experimentada como angústia, que, para Lacan, resulta da impossibilidade de se nomear a causa do que faz esta separação.

CAUSA E NOMEAÇÃO

Mas, se não podemos nomear a causa, resta ao ser falante a função de nomeação. Uma causa sem nome é diferente da possibilidade de nomear. A possibilidade não tem o mesmo estatuto de causa. Causa é aquilo que se busca quando se reconhece o lugar do Outro. A nomeação se encontra como resultado de uma ultrapassagem deste encontro com o real do Outro. Quando se tem a possibilidade da nomeação o que se produz é um buraco, um buraco com uma *ex-sistência*. É isso que vemos no seminário de 1974, RSI, quando se acrescenta um quarto elemento, ou seja, o nó borromeano, (lembremos que ocupa o lugar do pai) cujo efeito é o que se produz como *ex-sistências*: o gozo fálico - real, o gozo do Outro - imaginário e o sentido - simbólico.



O PAI ,O FEMININO E O MASCULINO

O que pretendo avançar com essas articulações é sobre os efeitos para o desejo de cada sexo, o homem ou a mulher, resultantes desse deslocamento do lugar da causa em direção ao real do Outro.

A falta de um significante para o Outro é comum aos dois sexos. A forma de cada sujeito lidar com essa falta é resultado da função exercida pelo pai, e, irá definir as contingentes versões assumidas por cada sexo diante do seu próprio gozo.

Essas versões para o gozo são experimentadas por uma contingência, que Lacan define no seu 20º. seminário: *Mais Ainda*, como aquilo que pára de não se escrever. O que pára de não se escrever é a função fálica que, pela contingência do encontro amoroso, cria a ilusão de que a relação sexual páre de não se escrever.

Esse encontro com a falta do Outro, insignia da castração, define uma versão para o gozo distinta para cada sexo. Para a mulher, nos aponta Lacan a posição é mais confortável, “a coisa já está feita” o que torna sua relação ao Outro mais especial. Seu acesso ao Outro a leva a uma proximidade maior com a angústia. Quanto ao homem, dirá Lacan, esse só tem direito a uma mulher se tiver passado pela experiência da castração.

Desta forma creio poder dizer que o alinhamento de cada sexo se faz por intermédio do que pára de não se escrever próprio ao efeito de um dos Nomes do Pai, e que possibilita o encontro amoroso. Assim a inscrição sexual não se dá de uma só vez, mas a cada escolha que se faz na contingência, como uma invenção de um broche, de um semblante que articule desejo e gozo.

Cada sexo poderá então definir sua parceria amorosa pela via contingente de inscrição do Nome do pai. Cada sexo, homem ou mulher são *ex-sistentes* ao Nome do pai, que só se inscreve pelo amor. Quando um ser falante, submetido como tal ao lugar do Outro, “encontra em seu parceiro o sintoma de seu exílio da relação sexual”, se produz uma forma particular de enodamento entre o real, o simbólico e o imaginário, é a via da contingência, via privilegiada do amor, possibilitando a parceria amorosa. Mas, esse enodamento pode ocorrer também pela via da necessidade, ou seja, pelo não pára de se escrever, que é a via do sintoma, ou ainda, esse enodamento pode ser feito pela via da angústia, ou seja pela via do não pára de não se escrever, que é a da impossibilidade da relação sexual.

“A gente se alinha aí, (na função fálica) por escolha.” Para o homem não há chance dele gozar do corpo de uma mulher, a menos que haja a castração, afirma Lacan ainda nesse seminário. Já para a mulher sabemos que ela está não toda na função fálica, o que exige que sua inscrição, para ser alinhada no lugar da mulher, barre o Outro.

Para que o sexo feminino assuma sua posição sexuada, é necessário que a função do nome do pai, com a força contingencial em que ela se presentifica, possa assumir o caráter de ficção, de semblante, para que possa então ser dispensado, revelando a verdade da inexistência da mulher. Um pai consistente, sem o caráter de ficção, traz o impedimento à mulher de ocupar seu lugar de semblante de objeto a para o homem. A verdade que cada mulher carrega é a mentira do pai. Desta forma, mesmo um pai que possa transmitir a cifra de gozo não evita que, na mulher, a pulsão esteja à deriva.

A saída para o sujeito feminino está em poder captar a posição de objeto para o Outro no fantasma, poder nomeá-lo. Para isso é necessário que este sujeito possa ter tido acesso às formas de falta da mãe, a forma como sua mãe pode nomear sua relação ao falo.

Temos então duas novas direções apontadas por Lacan para pensar o sujeito feminino além das saídas freudianas e de um primeiro Lacan. Essas saídas apontavam a normalização da posição feminina em torno do significante falo, entre o ter e o ser o falo. Após o seminário da Angústia, Miller destaca que Lacan irá tratar o falo não mais como significante, mas como órgão. Um órgão do corpo. Conseqüentemente é o homem que na situação da cópula experimenta a detumescência do órgão. Miller assim nos fala da inversão que sofre as posições de sexuação após o seminário da Angústia. Ele traz ali uma das máximas lacanianas que escandalizam a literatura psicanalítica: “À mulher não falta nada”. E, é para o homem que recai então a experiência com a falta, na medida em que a castração se desloca da falta na mãe para o lugar da detumescência.

A segunda mudança promovida por Lacan em seu segundo ensino diz respeito ao estrago que pode ser para a mulher sua relação à mãe. O mais além do falo do gozo da mãe introduz para o sujeito feminino um sem limite que pode desestruturá-la. Dominique Laurent em uma entrevista em

“Registros: Mulheres e Psicanálise” nos lembra que Miller opõe à incompletude feminina freudiana marcada por um menos, a inconsistência do não todo lacaniano. O que nos leva do Nome do Pai ao Nome de gozo.

Desta forma o Nome do Pai e a significação fálica não bastam para nomear as condições do gozo. Para a mulher a busca do amor erotomaniaco em um homem, se for bem resolvido pelo parceiro, pode colocar para ela um limite à pulsão à deriva, na medida em que seu parceiro ocupe um lugar frente no discurso que toque seu gozo mais além do falo, sua posição de objeto no fantasma do Outro.

Portanto vemos que a partir das últimas elaborações de Lacan a respeito da angústia e do gozo, o lugar da função paterna vai ocupar mais o lugar da exceção do que da metáfora, não podendo funcionar como um limite ao universal do gozo. Gostaria de lembrar aqui a quantidade de trabalhos que encontramos atualmente na Associação Mundial de Psicanálise sobre os excessos do feminino na contemporaneidade: depressões femininas, amores loucos, etc.

Para o sexo masculino, a função do pai ocupa um lugar diferente: O homem, ocupando o lugar da falta, como vem ser colocado por Lacan a partir do seminário da Angústia, terá que se virar com seu *pedaço de carne*, tendo que o religar à sua função de exceção, própria ao objeto a. Um pai, é, portanto, para um homem, perversamente orientado, isto é, uma via que possa levá-lo a encontrar um meio termo entre a mulher e a mãe, uma vez que são ambas, possuídas pelo pai.

Assim, o sujeito homem não nomeará sua posição a partir da mulher, que dele necessita para nomear o objeto que é para o Outro. Ele já tem para isso o limite que impõe seu falo. Sua posição é nomeada por ser aquele que cria a mulher, cria a junção do a, enquanto resíduo de gozo, ao que há na mulher de acesso ao Outro. Assim ele cria uma mulher a menos, ele barra o Outro com o sinal de um-a-menos.

Para Miller, teremos então dois fantasmas paradigmáticos: do lado homem é o masoquismo feminino (objeto que reparasse o – phi que o afeta), do lado feminino é o do Don Juan (um homem ao qual não faltasse nada).

A função paterna vem aí a ser convocada como uma invenção que cada sujeito possa fazer na tentativa de unir desejo e gozo, forjando assim uma versão para sua relação ao outro sexo. Trago mais uma vez Lacan ao final do seminário da Angústia, ao tratar dos nomes do pai, tema que falará no ano seguinte, ao alertar que essa função, necessária à normalização da posição do desejo sexual, atua, não como causa sui dessa lei para o desejo, mas como um pai que “ foi bastante longe na realização de seu desejo para reintegrá-lo à sua causa, qualquer que ela seja

Podemos então concluir essas articulações em torno do pai e da posição sexuada, recorrendo ao que temos colhido do último ensino de Lacan: servir-se de um pai é a possibilidade encontrada por um sujeito para colocar uma finitude ao desejo, um objeto inventado que possibilite desejos finitos, eis uma abertura que uma nomeação pode propiciar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. RSI, tradução livre, aula de 11/02/1975

LACAN, J. Livro X, O Seminário da Angústia: Rio de Janeiro. Zahar. : é por isso que toda a função de ‘a’ se refere apenas a essa hiância central que separa, ao nível sexual, o desejo do lugar do gozo...

LACAN, J. Livro XX. Rio de Janeiro. Zahar.

LACAN, J. Livro X. cap XIV. Rio de Janeiro. Zahar

LAURENT, D. La Inconsistência del Otro en el sujeto femenino, Registros, Colección Dialogos, Tomo Mujeres y Psicoanálisis, p. 114

FRANCESCONI P. In Correio 52 Revista da Escola Brasileira de Psicanálise.

DHERET, J. As disputas do desejo. Publicado em Papers do Comitê de Ação da Escola Uma, N. 6

LACAN, J. Livro XX. Rio de Janeiro . Zahar. ,p.177

MILLER , J. A. Introducción ao seminário de la angústia, Registros, Colección Diálogos, Tomo Mujeres y Psicoanálisis.

Artigo recebido: 01/11/07

Artigo aceito: 01/12/07